



* REDACTOR PRINCIPAL *

Alexandre Vieira

***** EDITOR *****

Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional

Officinas de Impressão — R. da Batalha, 134

(Formulário da lei que regula a liberdade de Imprensa)

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º
End. telegr.: Talha — Lisboa • Telefone: ?

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

CONDIÇÕES DE TRABALHO

É natural que até há pouco tempo, a preocupação dos trabalhadores, no que respeitava à melhoria das condições do trabalho, se limitasse ao aumento de salário e que seja essa, ainda hoje, a sua principal preocupação, embora outras coisas os ocupem há já alguns anos, entre as quais se destaca a questão das horas de trabalho. Natural é que assim tenha acontecido, porque sendo o dinheiro o objectivo mais geral a atingir, tendo-se feito do dinheiro a força máxima, sem a qual se pensa nada se poder fazer, não podiam os trabalhadores deixar de o considerar como o maior bem a adquirir, para que eram justificados todos os sacrifícios.

Quanto mais dinheiro se tem mais bem estar se goza; portanto aumentamos os salários, ou não os deixemos diminuir para aumentarmos ou conservarmos o nosso bem-estar.

É o que se dava e dá com os trabalhadores, os operários manuais, dá-se com toda a gente, resultando deste facto deixar o dinheiro, pouco a pouco, de ser um meio para ser, em muitos casos, um fim, como se a simples posse dele constituísse o bem-estar, constituísse a felicidade, como acontece com os avaros. Mas mesmo considerado apenas como um meio, o dinheiro adquiriu tanto prestígio, um tanto grande poder de atracção, que na vida da grande maioria dos indivíduos se operou uma transformação que a tornou paradoxal: procura-se ter dinheiro para com ele se aumentar ou conservar o bem-estar, a saúde; e perde-se esta para se adquirir o dinheiro com que se pretende conservá-la.

Do enorme prestígio do dinheiro, resultou o trabalho excessivo, em número de horas, a multiplicidade de ocupações, as várias condições de insalubridade, etc., arruinando a saúde do trabalhador e dos filhos, propagando-se essa ruína de geração em geração, fixando-se as taras da decadência fisiológica, a ponto de virem a constituir caracteres fundamentais, mais próprios duma raça que duma simples classe: a raça dos pobres.

Com o tempo foi-se aprendendo e reconheceu-se que além da elevação de salários, havia regalias a conquistar; que a elevação de salários, em nada melhorava a sorte do trabalhador, se o número de horas de trabalho aumentasse com ele; que não bastava defender-se do excessivo número de horas, desde que se trabalhasse em maus locais: húmidos, pouco arejados, sem luz suficiente, etc. E assim se foi compreendendo que o bem-estar se defende e se alcança reunindo condições de trabalho, não só económicas, mas fisiológicas; e há de chegar-se a compreender que estas não são menos, antes são mais importantes do que aquelas.

Mas ainda estamos muito longe desta compreensão se generalizar, encontrando-se por ora reduzida a uma ínfima minoria de trabalhadores. Mas é preciso, é indispensável que a compreensão se generalize, que a ideia de realizar o trabalho em boas condições fisiológicas seja tam defendida ou mais que a de elevar os salários, que essas condições constituam uma verdadeira necessidade, pela satisfação da qual se luta, como se luta pela vida, pois que da vida se trata.

Portugal é, a isto respeito, como a tantos outros, um dos países mais atrasados, onde se trabalha em mais detestáveis condições, quer se trate do trabalho na fábrica, na oficina, em casa ou na rua.

E não precisamos sair de Lisboa, para encontrarmos o detes-

POUCA VERGONHA NA FORJA

ÁRBITROS AVINDORES ACIDENTES DE TRABALHO

Pretende-se protelar a sindicância necessária ao escrivão destes tribunais.

Noticiaram os jornais que o ministro do trabalho havia resolvido mandar proceder a uma rigorosa sindicância aos actos do sr. Mostardinha, escrivão dos tribunais dos Arbitros Avindores e Acidentes de Trabalho, por ter tido conhecimento de que aquele funcionário havia cometido irregularidades da mais alta gravidade.

Há muito tempo que tinhamos conhecimento dessas irregularidades, devido às muitas queixas apresentadas por operários contra o sr. Mostardinha, a quem acusavam de extraviar processos, impedir o regular funcionamento do Tribunal dos Arbitros Avindores e até de ficar com dinheiro proveniente das condenações de patrões, que devia ser entregue aos autores dos diversos processos.

No próprio tribunal chegou-se a afirmar que o sr. Mostardinha também gastara em seu proveito dinheiro proveniente de multas que deviam ser depositadas na Câmara Municipal.

Ultimamente esse funcionário conseguiu a uma senhora viúva, do Porto, para cima de cem escudos, importância destinada a despesas com uma acção a levar a efeito e a que ele deu destino muito diverso.

Essa senhora tem ido amonadas vezes ao tribunal exigir a restituição desse dinheiro, sem que o tenha conseguido até à data.

Estas irregularidades são do conhecimento de todos os empregados do tribunal, que censuram asperamente o procedimento do sr. Mostardinha. Quando este, em tempos, ameaçou com uma pistola um árbitro operário, por este o ter acusado dessas irregularidades, o presidente do tribunal, então o sr. Pereira e Souza, mandou selar os arquivos do cartório e foi acompanhado de alguns árbitros operários pedir uma sindicância ao ministro do trabalho, não sendo atendidos.

Agora, como outras ilegalidades se tivessem cometido, um delegado operário pediu ao sr. Augusto Dias da Silva

tável; não precisamos ir para certos centros fabris, sobretudo no norte do país, onde a exploração, sob o ponto de vista de que me ocupo, atinge o inconcebível, para a qual não chega, como explicação, o egoísmo ou a dureza de coacção patronal, que só a maior estupidez e a mais completa ignorância podem explicar.

Mas manda a verdade que se diga que não é só o egoísmo e ignorância patronais que permitem o trabalho em tais condições.

É que a rotina tem ainda tanta força, que trabalhadores há que, dotados de espírito de rebeldia, sentindo a injustiça da exploração, sentindo ou sabendo que em más condições trabalham, que pertencem, em suma, à minoria dos revoltados, se sujeitam a detestáveis condições de trabalho, continuando a pensar apenas em, quantas vezes ilusórios, aumentos de salário!

Eis porque se impõe uma propaganda bem organizada, sistematizada, da melhoria das condições de trabalho. Seria muito interessante e duma utilidade incontestável que aparecessem trabalhadores que, compenetrados da necessidade daquela melhoria, se combinassem, se agrupassem de forma a conjugarem os seus esforços para uma propaganda inteligente e tenaz.

Parece-me que não seria muito difícil colherem-se alguns resultados benéficos, que constituiriam por sua vez a mais eficaz das propagandas, tornando-se conhecidos pelo país fora.

Isto seria uma especialização da propaganda, o que há muito tempo defendo e que creio ser de grande utilidade para a marcha das ideias, sem se cair, evidentemente, no exclusivismo.

Não é a primeira vez que apelo para os trabalhadores, para que eles se preocupem com a questão das condições de trabalho. Seria com a maior satisfação que eu veria aparecerem três ou quatro operários que, interessando-se vivamente pela questão, a ela se de-

Mas a classe operária não consentirá que se protejam funcionários que a prejudiquem.

que mandasse proceder a uma sindicância e o ministro do trabalho despachou nesse sentido, chegando mesmo a nomear o sindicante.

Succede, porém, que o director geral, que há dias afirmou a honestidade do sr. Mostardinha, ontem veio dizer que a sindicância não podia ser mandada fazer por aquele ministro, por ser o sr. Mostardinha empregado da câmara municipal.

Ora parece-nos que a lei diz que as despesas daqueles tribunais são pagas pela câmara, mas a quem cumpre fazer respeitar a lei é ao ministro do trabalho. Mesmo o sr. Mostardinha é acusado igualmente de cometer irregularidades no tribunal dos acidentes de trabalho, e, segundo nos informam, o regulamento da respectiva lei permite ao ministro do trabalho mandar sindicat os funcionários que não se portem honestamente.

O sr. Augusto Dias da Silva, acreditando na exposição do director geral, parece-nos que foi enganado, mas a nós não nos importa que a sindicância seja mandada fazer pelo ministro do trabalho ou pela câmara municipal.

O que nós queremos é que o processo seja enviado com toda a urgência para a câmara municipal e a sindicância se faça o mais depressa possível.

E' que nos consta que há alguém dentro do ministério do trabalho que pretende favorecer o sr. Mostardinha, e de outra forma não se explica o não procedimento quando da primeira reclamação.

Ao ministro do trabalho compete mandar proceder a sindicância pelo seu ministério, ou a verificar se o envio do processo para a câmara municipal se realiza com aquela urgência que o caso requer.

Emquanto a sindicância se não fizer nos estaremos alerta para evitar que se protejam funcionários que não cumprem as suas obrigações e que com os seus actos desonestos prejudicam a classe operária.

dicassem, especializando-se no seu estudo e propagando. Com eles conjugaria os meus esforços nesse sentido, convencido de que, se houvesse método e tenacidade, se obteriam resultados que haviam de compensar bem o esforço empregado. Vamos a isso?

Emílio Costa.

O calote oficial

Os professores das escolas industriais e comerciais pedem o pagamento dos seus vencimentos em atraso

Uma numerosa comissão de professores das Escolas Industriais e Comerciais foi ontem procurar o ministro do comércio a fim de que lhes sejam pagos os seus vencimentos atrasados há já vários meses.

Pelo que se depreende do pedido, continuamos no regime do calote, não se envergando o Estado de ser o primeiro a prevaricar e a pagar tarde e a más horas aos seus empregados.

Neste momento gravíssimo que a família portuguesa atravessa, com uma assoladora crise de subsistências, é triste, verdadeiramente triste, que uma classe laboriosa e utilíssima como a dos magistérios, se veja obrigada a ir junto do ministro solicitar o pagamento dos seus vencimentos em atraso, do dinheiro que é seu e muito seu, porque o ganhou, mas que a complicada política dos nossos governos capricha em entrar e empatar.

Mudou-se de regimen, sucedem-se os governos, mas não se mudaram os hábitos!

Outro assunto levou lá também os modestos obreiros do ensino do nosso operariado. Pedir muito humildemente que se dê cumprimento à lei n.º 5.029 de 5 de Dezembro de 1918 da Reforma do Ensino Industrial e Comercial, na parte que diz respeito à melhoria da sua situação.

Ha uma lei, e coisa curiosa, nessa lei com o pleno apoio das Associações Industriais e Comerciais, com a colaboração intensa e aprovação de todo o professorado das Escolas Industriais e Comerciais, dos Institutos Superiores Técnicos, e... só porque essa lei foi decretada por um governo caído, já se levantam dúvidas sobre a sua legalidade, sobre a sua boa doutrina, sobre a sua prática, quando ela afinal está em pleno vigor! Quando terão os nossos políticos juízo?

A entrega da frota mercante alemã

LONDRES, 12. — A frota mercante alemã será entregue às potências aliadas sem prejuízo do destino que poderá ser-lhe dado no futuro, sob a fiscalização da Entente.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Jejuns

A aguada sopinha de feijão, a translúcida posta de bacalhau, o meio litro de vinho baptizado e o cantinho de pão carbonado — menu outrora habitual dos trabalhadores empregados, que os desempregados passavam e passam a cheirá-lo — leva a totalidade das férias. E como quer que outras despesas tenham os lares operários, porque, em suma, não permite o decóro a adopção das toilettes edénicas, mister é ir reduzindo a já escorridíssima azeite. O bacalhau desapareceu, o vinho minguou, o pão precisou-se poupá-lo. Com uma sopinha já um homem fica amparado. Mas a sopa inferiorizou-se também em suculência, faltando a carne, careando o azeite, estando arredia a hortaliça. Do peixe nem falar é bom. Por modos que as nossas companheiras põem ao lume uma panela de água, umas pedrinhas de sal, e tantos feijões quantas são as pessoas de família a sustentar. Assim fica confeccionada uma sopa de água sem pão. Chega o jantar: toma lugar a mesa o chefe da família, a pequenada em redor; a mãe traz o tacho fumegante. Primeira parte: um pratalhaz de água a ferver. Segundo prato: um feijão flutuante, mal cosido por mór do carvão que está pela hora da morte. P'ra sobremaneira, a petizada tira dois macacos do nariz. Ali numa pastelaria do Chiado um rafeiro de raça, vestido de veludo, fez outro dia, em pastéis, obra duns dois escudos de despesa. E depois recolheu a penates de automóvel.

Panificação

O recheio dos pães que nessas padarias nos fornecem a modos que poderia constituir um interessantíssimo museu de raridades. Outro dia, como relatamos, um nosso amigo foi dar com uma moeda de centavo imiscuida na massa dum pão que lhe venderam. Agora procuramos para mostrar-nos um curiosíssimo trecho de miolo onde pode observar-se o espalmado cadaver duma osga. Não há muito que no Porto, se não nos burla a memória, foi dar-se, dentro dum pão, com um povoadíssimo cemitério de baratas. Agora uma osga. Um verdadeiro museu de história natural aos domicílios. Não há corpo, por mais curioso, que não tenha tombado um dia dentro das massaias dos nossos padeiros. Só falta lá cair o ilustre personagem que preside à fiscalização das padarias; que é para um dia nos encontrarmos a trincar fatias — de burro.

Natação

Andam a cotizar-se os sportmen para custear as despesas da ida a Paris dum delegado representando Portugal na corrida de natação que naquela capital em breve se realizará. A natação, sendo o mais belo e, porventura, o mais proveitoso e completo de todos os exercícios físicos, é muito praticada no nosso país talvez pela considerável extensão das suas costas marítimas. Tem Portugal gloriosas tradições que mostram ser a nossa uma raça de navegadores; como quer porém que já não existam caravelas, a lusa grei, na impossibilidade de navegar, nada. Na ilha da Madeira encontram-se nadadores de uma destreza prodigiosa. Nada-se em todo o litoral e até o do interior nadam — em seco. Nada tudo minha gente. A própria gente da governança que faz ela? — nada.

Pás e picaretas

Andam sem trabalho, há já semanas, algumas centenas de operários da construção civil. Têm procurado por várias vezes o ministro do trabalho, mas como quer que neste ministério de outros assuntos mais importantes haja que tratar-se, demorada tem sido a solução. A costurada actividade da engenharia burocrática. Ao cabo de inúmeras demarches lá se consegue que sejam remetidos para as obras do parque Eduardo VII uns seiscentos trabalhadores. Apresentaram-se estes ao serviço, e eis se constata que a ferramenta lá existente, pás e picaretas, para sessenta escassos homens chegava apenas. Os quinhentos e quarenta restantes, impossibilitados de pegar no trabalho pela já mencionada falta de ferramenta, ficaram como antes, sem colocação e sem féria. Não há picaretas. E não tomba do céu uma chuva delas, para coroar a beleza destes acaranguejados serviços.

Novo sindicato

Os empregados de livreria de todas as classes, caixeiros, criados, caixas, etc., acabam de constituir um sindicato: «Confraternização dos Empregados de Livreria». Achamos muito bom que estes empregados comerciais tratem dos seus interesses associando-se. Mas permitimo-nos discordar da fundação deste novo sindicato. A classe dos empregados de livreria é muito reduzida, como se sabe, e não poderá, por certo, mesmo que em massa ingressar na colectividade em formação, constituir um baluarte suficientemente forte para garantir-lhes assistência eficaz. De boa tática seria pois que os assalariados dos livreiros entrassem, muito simplesmente, na Associação dos Caixeiros. Fortaleceriam assim esta colectividade, e a si próprios se fortaleceriam também. Uma moderna tendência

DAS REDES DE ARRASTO AOS CERCO AMERICANOS

Pesca e carestia de peixe

Dos progressos operados tanto na arte como no regime de trabalho, nenhuma vantagem advém para o consumidor que o não adquira mais barato nem em melhores condições.

Os intermediários são os causadores da carestia cada vez maior do preço. Urge acabar com o grande número de mãos por que passa antes de chegar ao consumidor.

Amigo redactor de «A Batalha» — Foi pela sugestiva leitura, no nosso bem orientado jornal «A Batalha», de «A questão do peixe», que nos resolvemos dizer algo sobre tal assunto.

Recordando apenas o que algures lemos sobre pescarias, vemos que as mesmas aí há uns oito séculos, «se limitavam apenas às águas interiores e, quando muito, à zona costeira, porque o litoral, sujeito às constantes razias dos árabes, ainda não era povoado. Só em 1249 foi libertado por Afonso III, expulsando definitivamente do Algarve o domínio mourisco, etc.»

Foi ainda devido à iniciativa deste monarca que alguma coisa de útil então se fez para o desenvolvimento das pescarias mais tarde atendido, no reinado seguinte. Nesses tempos da juventude ou infância da nacionalidade portuguesa «os pescadores exerciam o seu mister por imposição dos senhores, que se apropriavam do producto da exploração permitindo-lhes apenas ficar com uma pequena parte para a sua alimentação diária».

Em todos os condados, mosteiros, confrarias, etc., havia um certo número de pescadores que quando não apresentavam provisão suficiente, eram punidos a ponto de serem açoitados em publico, nas prisões ou nas explanadas dos castelos, por denúncia e convencimento de descumprimento de pescarias.

Pela verosímil tradição ou narrativa histórica, vê-se como era exercida a pesca e feito o seu abastecimento, em remotos tempos e a área restrita da sua exploração. Hoje a pesca, devido a Dionísio Papin e Fulton, que dotaram a navegação com a aplicação da força motriz do vapor, faz-se chegando-se a perder a terra de vista, indo-se apanhar peixe até Cabo Verde! Junte-se também que Portugal começou por um condado antes de ser um reino e que, mesmo nos tempos do seu maior esplendor, quando das conquistas, a sua população não chegava a três milhões e hoje atinge ou excede a seis no continente! Transformaram os processos da industria das pescarias a sua técnica; das primitivas redes de arrasto e das armadilhas restritas a certos logares (armazéns), para a pesca, passou-se aos cércos americanos, os quais vão mares em fora dar caça aos bandos ou cardumes de peixe.

Também as redes, que dantes eram feitas de fio de estopa ou de linho, passaram, algumas, a ser confeccionadas com arame de ferro, como são as empregadas pelos vapores de pesca. Os trabalhadores desta industria, na sua laboração, não são já os forçados pela imposição dos senhores, mas sim homens de profissão livre, que pactuam condições ou contratos, nas capitania dos portos, embora algumas cláusulas leoninas e draconianas com rigores opressivos, ainda não fossem, como deviam ser, espurgadas do código marítimo. Apaz-nos lá registar que em Setúbal a classe piscatória constituiu-se em cooperativa de produção, libertou-se da exploração do patronato (armadores), e exerce a laboração por conta própria — o que representa acção directa e supressão de concorrentes — e tornou-se senhora dos meios e instrumentos de produção e detentora da sua própria força de trabalho.

Mas não obstante, nem por isso o povo consumidor adquire hoje peixe mais barato ou em melhores condições, antes pelo contrário!

Acabe-se com a venda à lota e determine-se a venda do peixe a peso e em carros ou lugares fixos por conta do município

De quanto fica dito, sobre os progressos da evolução que se tem operado, tanto na arte como na forma como esta era exercida, e até passando dos contratos das campanhas às apontadas cooperativas de livre agremiação de produtores, veja-se qual a situação dos consumidores, se de tudo isso lhe advieram vantagens ou benefícios. Pelo contrário, como se peixe cada vez mais caro e em piores condições. E' que todos os progressos da sociedade capitalista redundam sempre, para os não possuidores, em aumentos de dependência, opressão e miséria. Façam-se mesmo todos os melhoramentos apontados pelo nosso amigo José Nunes, completem-se até

sindical, que entre nós surgiu já, vai a favor da constituição de associações corporativas nacionais, substituindo as que agora existem formadas por localidade, porque o que se pretende é sindicatos fortes, capazes de agir e de vencer, e não minúsculos agregados onde se gastará muito papel em actas mas onde se não aguenta um gato pelo rabo. «A Confraternização dos Empregados de Livreria»? Mas porque não confraternizarão eles com os outros empregados de comércio? E' que, por este andar, temos a qualquer dia o sindicato profissional dos vendedores de gravatas encarnadas...

mesmo com a ponte que há de ligar Lisboa e Cacilhas, estabelecendo-se assim o transporte directo a rápido da produção piscatória, abastecendo-se todo o país o mais abundantemente possível e as coisas continuarão como sempre, embora se nos afigure não ser insólvel a questão.

O remédio é que é outro e muito outro. Fala o nosso amigo em peixe salgado, que é consumido na falta do fresco. Em Lisboa, nomeadamente, pouco peixe fresco aparece à venda, sendo esta escassez artificialmente promovida com o intuito de obter-se mais altos preços de venda, em harmonia com uma lei económica conhecida.

Quanto às fábricas de conserva de sardinhas, empregam muito pessoal e pouco mal fazem ao consumo publico, pois só utilizam sardinha ou algum carapau e a sua exportação dá ao nosso país uma drenagem de ouro que não é para desprezar, posto que representa permuta de outros productos que não temos, e que necessitamos ou desejamos.

O que urge é acabar com o grande número de mãos por que o peixe passa até chegar ao consumidor; suprimir os gananciosos intermediários.

São estes os grandes causadores da carestia, cada vez maior, do preço do peixe. Tente-se tudo, faça-se o que se fizer, dê-se o peixe quasi de graça aos revendedores, mas desde que se não acabe com a vil e imoralíssima lota e não se abra a venda em carroças como as dos antigos talhos municipais, ou carros de carne congelada, ou seja ainda a venda de peixe a peso, nada se conseguirá de benéfico, pois é este o único meio que se nos afigura capaz de determinar eficazmente a baixa de preço.

As ovarinas provocam a escassez do peixe para manter a alta do preço da venda — A inundação dos mercados do peixe

De resto, ainda que o peixe seja adquirido quasi gratuitamente pelos revendedores, o povo há de continuar a comprá-lo caríssimo, e quasi pôde.

E' que esta classe constitui, se não um estado, pelo menos um poder, e do tal força que um vereador que tentou atacá-la chegou a ser insultado e agredido; foi o honrado e já falecido vereador Loureiro.

Compra-se o peixe, além de caro, porco e, muitas vezes, pôdre. E' que as senhoras ovarinas já improvisaram frigoríficos no mercado 24 de Julho; o peixe nunca aparece à venda em abundância, por maior que seja a quantidade, porque o mesmo é cuidadosamente coberto de gelo e guardado, e assim, conforme a lei económica do que já falamos, a escassez mantém sempre a alta de preço da venda!

E não há nada mais imundo do que os logares onde se vende o peixe, e como este é vendido pela rua.

Seja-nos permitido dizer que nem os fiscaes, nem o inspector, de quem somos amigo e a quem muito consideramos, nem os veterinários municipais, suberam ou poderam ainda, ao menos nos lugares fixos, mercado e suas dependências, à semelhança do Matadouro Municipal, fazer com que haja ao menos o aceso necessário e indispensável.

O mercado e suas dependências, são verdadeiras montanhas e focos de infecção, e as epidemias tem tido ali um campo fértil para o seu extraordinário desenvolvimento.

Antes, pois, de se realizarem os melhoramentos para o mais vasto abastecimento do peixe, o que urge é acabar com o leilão (lota) do peixe e estabelecer a venda em carros e lugares fixos por conta do município e a peso.

E para não nos alongarmos mais, terminaremos por perguntar: «Porque não requisitou o município do governo alguns dos vapores caça-minas, fazendo por os adquirir para a pesca por conta do mesmo município, visto que tanto se tem falado em municipalização dos mercados e em tantas outras coisas espaventuadas, mas que nunca houve a coragem ou se pensou a sério pôr em prática?»

Talvez ainda voltemos ao assunto, porque ele se presta. E' inexorável e do máximo interesse. — Martins Vaqueiro.

Sérvia e Montenegro

As pretensões anexionistas da Sérvia

ROMA, 12. — A imprensa diz, examinando a situação do Montenegro, que solicita a sua independência, que é justa a pretensão, pois os montenegrinos, entraram na guerra como povo independente.

Estranha também que a Sérvia continue a enviar tropas para o Montenegro, o que aumenta as antipatias entre os dois países.

